



# VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHA

HÁ ALGUÉM À ESPREITA, ACOMPANHANDO SEUS PASSOS

SERAPHINA NOVA GLASS

SERAPHINA NOVA GLASS

VOCÊ  
NÃO ESTÁ  
SOZINHA

*Tradução de*

João Pedroso

1ª edição

  
EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO  
2022

**EDITORA-EXECUTIVA**

Renata Pettengill

**SUBGERENTE EDITORIAL**

Mariana Ferreira

**ASSISTENTE EDITORIAL**

Pedro de Lima

**AUXILIAR EDITORIAL**

Júlia Moreira

**REVISÃO**

Anna Carla Ferreira

Mauro Borges

**CAPA**

Renata Vidal

**IMAGEM DE CAPA**

Tony Watson / Arcangel

**DIAGRAMAÇÃO**

Beatriz Carvalho

**TÍTULO ORIGINAL**

Someone's Listening

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

G458v

Glass, Seraphina Nova

Você não está sozinha [recurso eletrônico] / Seraphina Nova Glass ; tradução

João Pedroso. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2022.

recurso digital

Tradução de: Someone's listening

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5587-498-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Pedroso, João. II. Título.

22-76260

CDD: 813  
CDU: 82-3(73)

---

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

---

Copyright © 2021 by Seraphina Nova Glass

Copyright de tradução © 2022 por Editora Record

Este livro foi publicado mediante acordo com Harlequin Books S.A.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são fruto da imaginação da autora ou fictícios, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos, eventos ou localidades é mera coincidência.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

---

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5587-498-3

Seja um leitor preferencial Record.  
Cadastre-se no site [www.record.com.br](http://www.record.com.br) e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
[sac@record.com.br](mailto:sac@record.com.br)



**Para Mark Glass. Sempre para ele.**

## PRÓLOGO

*Quando acordo, está escuro e tranquilo; sinto uma neve fina e gelada que paira no ar em vez de cair, e não consigo abrir os olhos. Não sei onde estou, mas está tão calmo que o silêncio ecoa nos meus ouvidos. Os meus dedos tentam se fechar no chão, mas tudo o que sinto é uma camada de gelo repleta de cascalhos afiados encrustados. O ar está gélido, e tento chamá-lo, mas não consigo falar. Há quanto tempo estou aqui? Me deixo voltar à inconsciência. Quando acordo de novo, escuto as botas dos socorristas esmagando a neve enquanto correm ao redor do meu corpo. Eu sei onde estou. Deitada no meio da County Road 6. Houve uma batida de carro. Há uma luz vermelha rodopiante, um estrobo em meio à vasta escuridão. Eles pedem que eu não me mexa.*

*— Cadê o meu marido? — pergunto, choramingando. Pedem que eu não tente falar também. — Liam! — Tento gritar por ele, mas o som mal escapa dos meus lábios; estão dormentes, quase congelados, e o grito soa mais como um sussurro rouco. Como isso foi acontecer?*

*Penso na festa e em como odeio dirigir à noite, penso em como tomei o cuidado de não beber demais. Devo ter bebericado um copo ou dois, me mantive sob controle. Liam havia bebido bem mais. Não era do feitio dele ficar bêbado, e eu sabia que era o seu jeito de revidar. Estava irritado comigo, com o que eu o estava fazendo passar, mesmo que isso nunca tivesse sido verbalizado. Eu queria agradar-lhe pois toda essa situação terrível era culpa minha e eu sentia muito.*

*Quando acordo outra vez, estou num quarto de hospital, conectada a tubos e máquinas. Tem uma agulha enfiada numa veia roxa dolorida nas costas da minha mão. À luz fraca, tomo um pouquinho de suco de um copo plástico e o bipe suave do eletrocardiograma tenta me convencer a voltar a*

dormir, mas sou mais forte que isso. Quero respostas. Tenho que parecer estável e alerta. Outra dose de analgésicos é injetada na minha veia; a euforia momentânea me força a suspirar. Preciso manter os olhos abertos. Consigo ouvir os policiais chegando e falando com alguém fora do quarto. Eles vão me contar o que aconteceu.

Há uma enfermeira que me chama de “querida” e muda de assunto quando pergunto sobre o acidente. Ela olha de soslaio para os policiais que entram para falar comigo e informa que eles têm apenas alguns minutos e que preciso descansar.

— Bom dia, senhora — cumprimenta com suavidade o detetive John Sterling.

Quase me esqueço do meu fêmur fraturado e gemo de dor depois de me mexer rápido demais. Uma policial se demora à porta, uma mulher alta, de olhar severo, com o cabelo loiro preso num rabo de cavalo na base da nuca por um elástico apertado. Ela diz que tenho sorte de estar viva e que, se a temperatura tivesse caído abaixo de zero, eu não teria sobrevivido àquelas duas horas até um carro passar, parar e ligar para a emergência. Pergunto onde Liam está, mas ela se limita a olhar para Sterling. Tem alguma coisa errada.

— Por que ninguém me fala o que aconteceu com ele? — protesto, enquanto observo o detetive Sterling tentar chegar a uma resposta.

— A enfermeira disse que você acha que ele estava no carro no momento do acidente — diz Sterling. Dá para ouvir o tom condescendente na sua voz. Ele fala comigo como se eu fosse criança.

— Ela disse que “eu acho” que ele estava? Eu não ac... Eu tenho certeza. A gente estava voltando de uma festa, a festa de lançamento do meu livro. Qualquer um, qualquer um pode confirmar que ele estava comigo. Por favor. Ele se machucou? — Baixo o olhar e encaro o meu corpo pela primeira vez, vendo os pontos salientes que mantêm junta a carne machucada do meu braço direito. Parecem tão exagerados, como aqueles feitos com maquiagem e cola para uma fantasia de Halloween. Fecho os olhos, tentando conter a náusea. Tento repassar os acontecimentos, encaixar tudo o que aconteceu e quando aconteceu.

Liam estava em silêncio no carro. Eu sabia que ele tinha acreditado em mim depois que as acusações começaram. Sabia que confiava em mim, mas talvez eu tenha subestimado as sementes de dúvida que haviam sido plantadas na cabeça dele. Tentei aliviar o clima quando entramos no carro

*contando uma piada sobre cervejas artesanais muito caras, mas tudo o que ele fez foi dar uma risadinha forçada e descansar a cabeça na janela do carona.*

*O detetive me encara com um olhar que parece de simpatia, mas que está mais para pena.*

*— Você se lembra do quanto bebeu ontem à noite? — pergunta ele, em tom acusatório.*

*— O quê? Você acha que...? Não. Eu dirigi porque ele... Não! Cadê ele? — pergunto, sem reconhecer a minha própria voz. Parece cansada e rouca.*

*— Você se lembra de ter tomado alguma coisa para relaxar? Algo que possa ter atrapalhado a direção?*

*— Não — respondo de pronto, à beira das lágrimas de novo.*

*— Então você não tomou nenhum tipo de benzodiazepínico? Ontem... em nenhum momento?*

*— Não... Eu... Por favor — respondo, contendo as lágrimas. — Eu não... — Ele me encara, então rabisca alguma coisa no seu caderninho idiota. Eu não sabia o que dizer. Liam deve estar morto, e eles acham que sou frágil demais para receber a notícia. Por que me perguntariam algo assim?*

*— Senhora — diz ele com a voz mais suave, enquanto se levanta. É isso. O detetive vai me dizer algo de que eu nunca vou me recuperar. — Você era a única pessoa no carro quando os médicos chegaram — continua, me analisando, à espera de uma resposta, à espera de uma mentira que possa usar contra mim depois. O olhar complacente me deixa enfurecida.*

*— Como é que é? — O meu sangue ferve. Eles acham que sou louca, aquele jeito suave de falar não era a simpatia que se usa para contar que um ente querido morreu, mas sim o linguajar cuidadoso de quando o ouvinte é alguém instável. Eles acham que eu sou algum tipo de drogada, de bêbada. Talvez achem que o impacto me fez esquecer alguma coisa, mas ele estava lá. Juro por Deus. O seu grito veio tarde demais, então houve uma batida. Eu não conseguia ouvir nada, mas o vi tentando chegar até mim, o seu rosto numa expressão distorcida de medo. Ele tentou me proteger. Ele estava lá. Do meu lado, gritando o meu nome quando viu os faróis da caminhonete bem na nossa frente... Era tarde demais.*

# Sumário

Capítulo 1  
Capítulo 2  
Capítulo 3  
Capítulo 4  
Capítulo 5  
Capítulo 6  
Capítulo 7  
Capítulo 8  
Capítulo 9  
Capítulo 10  
Capítulo 11  
Capítulo 12  
Capítulo 13  
Capítulo 14  
Capítulo 15  
Capítulo 16  
Capítulo 17  
Capítulo 18  
Capítulo 19  
Capítulo 20  
Capítulo 21  
Capítulo 22  
Capítulo 23  
Capítulo 24  
Capítulo 25  
Capítulo 26  
Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

# 1

## *Atualmente*

Quando o relógio do forno chega ao meio-dia, me sirvo de um copo de *pinot grigio*. Me forço a esperar até o meio-dia para saber que ainda tenho certo controle sobre as coisas. Ajeito o roupão e vou até o alpendre para me sentar. O céu está escuro — cinza feito uma pedra —, e o ar está fresco. Do outro lado da rua, um carro estaciona no acesso da garagem. Ginny DaLuca esqueceu alguma coisa, pelo visto. Ela abre a porta do carro, e os alto-falantes exalam um jazz suave enquanto ela entra e sai de casa correndo, segurando o item esquecido. Noto uma guirlanda de outono na sua porta. Setembro mal tinha começado, mas ela não consegue se segurar. A mesma guirlanda bronze e alaranjada de galhos retorcidos e folhagens que abriga o rosto brega de um espantalho continua recepcionando os seus convidados, coisa que não sou mais. Não me dou ao trabalho de acenar como fazia antigamente porque ela fingiria que não viu, ou então daria um sorriso amarelo e acenaria com a cabeça. Eu costumava ser o tipo de pessoa que lá no fundo (bem no fundo mesmo) se enchia de felicidade quando via as decorações de Natal aparecerem junto com os materiais escolares no fim de agosto, mas agora acho intolerável essa coisa de adiantar o tempo. Na verdade, eu gostaria era de desacelerá-lo. Talvez até voltar nele.

O jornal de domingo, protegido dentro de um plástico, está jogado no acesso da garagem, metade dele imersa numa poça causada pela chuva da noite de ontem. Quantas vezes eu disse que entraria no site e mudaria a assinatura para apenas digital? É um desperdício. Liam é que gostava de

sentir o papel. Gostava da tinta que ficava nas mãos, do cheiro. Ele não queria nem saber de abrir o notebook aos domingos. “É exatamente por isso que a gente tem um alpendre grande na frente de casa”, dizia ele, depois de se comprometer a reciclar o papel. Tomo um gole do vinho, desejando ter me servido de um tinto — que combinaria mais com o clima —, e me pergunto quantos jornais teriam que se acumular no acesso da garagem até um dos vizinhos vir conferir se morri.

As batidas suaves das gotas de chuva recomeçam. Os Pattersons desistem de rastelar as folhas do seu bordo-açucareiro que começaram a cair antes da hora esse ano. Eles riem da tentativa de passar um domingo chuvoso como esse no jardim e, dando de ombros em sinal de derrota, Al Patterson envolve a cintura da esposa com um dos braços enquanto ela protege a cabeça com as mãos e corre para dentro. Como eu queria a mão de Liam na minha cintura, por qualquer razão que fosse. Se ele estivesse aqui, diria como não faz sentido eles rastelarem as folhas antes de todas terem caído. Existe um breve espaço de tempo entre o fim do outono e a chegada da primeira neve, e ele sempre juntava as folhas nesses dias, como aquelas pessoas que sentem nos ossos que vai chover, escolhendo o momento certo.

Resgato o jornal antes que boie pela sarjeta. Está encharcado de água da chuva, mas o levo para dentro e disponho as páginas inchadas na mesa da cozinha mesmo assim. Fico aliviada por não ver o meu rosto me encarando das páginas; talvez já tenha passado tempo suficiente e eles finalmente tenham encontrado outra vida para arruinar com especulações e declarações sobre um “suposto” envolvimento. No meu computador, surge uma notificação de conversa. É Ellie, e, mesmo que ela tenha a melhor das intenções, essa preocupação fraternal que tenta demonstrar todo dia está ficando exaustiva. Não dá para ter a mesma conversa que não leva a lugar nenhum. Ela sente muito pela minha perda. Eu sei que sente. E quer conferir se estou comendo direito. Me encoraja a trabalhar.

Ela tem as melhores intenções, mas eu precisaria trocar para *vodka gimlets* antes de encarar essa conversa cansativa hoje. Ignoro a notificação que pergunta sobre o tempo e tento trabalhar um pouco.

Desde que me afastei do consultório, continuo me comunicando com alguns pacientes que não lidaram muito bem com a minha licença. Paula Day sofre com um câncer de mama nível quatro e, independentemente dos meus problemas, eu jamais abandonaria as chamadas por vídeo semanais

com a querida Paula. A síndrome do pânico de Eddie Tolson explodiu quando expliquei que me afastaria, então converso com ele de vez em quando. Mantive contato com basicamente todo mundo que protestou contra o meu afastamento, mas a maioria dos pacientes aceitou os encaminhamentos que deixei com calma e tranquilidade à promessa de um breve retorno. Respondo alguns e-mails, mas é difícil não pensar em Liam. É complicado manter a concentração em qualquer outra coisa.

Clico numa pasta na área de trabalho chamada “Liam”. Tenho cada e-mail e foto guardados, até mesmo as fotos que tirava dos recadinhos que ele deixava espalhados pela casa e eu achava fofos. Passei tudo para o computador no decorrer dos anos: “Desculpa ter tomado todo o leite de amêndoas, hoje à noite compro mais” dentro da geladeira; “Me encontra no Luigi’s às sete?” num Post-it no meu carro. É besteira guardar essas coisas tão banais, mas era tudo parte da nossa evolução juntos.

Não queria me esquecer, nem mesmo quando ele estava aqui, da curva no alto do *L* na sua assinatura ou das piadas internas que exauríamos de tanto repetir. “Hardy Har”, aquela risadinha idiota que ele deixava no fim de dezenas desses bilhetes antigos, roubada de um esquete de comédia há muito esquecido e que acabou incorporado à nossa linguagem. Eu sentia carinho por tudo isso. Todas as fotos e mensagens eram uma coisa só; essa era a nossa vida. Até mesmo as discussões estúpidas que tínhamos pela internet nunca foram deletadas do meu celular. Os motivos agora parecem tão fúteis que me enchem de vergonha.

Vejo algumas das últimas fotos dele, de nós. O seu trabalho como crítico gastronômico e de vinhos explica a maior parte das nossas fotos ser em restaurantes. Nós dois juntos, com aquela pose forçada para a câmera, dividindo um *scotch egg* em algum gastropub, ou então dando mordidas enormes em *lobster rolls* no píer de Cape Cod. Há um vídeo curtinho dele explicando como o molho romesco pode acompanhar praticamente qualquer coisa. Dou play mesmo já tendo perdido a conta de quantas vezes assisti a ele. Gravei no meu celular num restaurante italiano de Nova York cujo nome fugiu da minha cabeça, mas me lembro vividamente das velas e da música de Dean Martin tocando ao fundo.

Havíamos pegado um táxi direto do aeroporto para conseguir chegar a tempo da reserva, por isso estávamos com roupas informais demais para o lugar e ainda tínhamos tomado umas doses de Makers Mark com água com gás no voo para comemorar um anúncio na televisão que eu tinha

conseguido. Ele não era muito de beber, ainda mais antes de avaliar um restaurante; acho que é por isso que gosto tanto desse vídeo. São só trinta e dois segundos de Liam pregando sobre as mil e uma utilidades do molho romesco com a bochecha suja do próprio e levemente embriagado.

Antes que eu perceba, o meu rosto está encharcado de lágrimas, então fecho a pasta, mudo de vinho para vodca e ligo a TV num daqueles reality shows sobre reforma de casas para preencher o silêncio. Depois de algumas reformas milagrosas e perfeitas, coloco um casaco de lã e começo o meu expediente diário. Imprimo mais uma centena de cartazes de “pessoa desaparecida” na impressora do escritório e saio. Olho para o rosto de Liam no cartaz. É uma foto que tiramos na Trattoria Saponi ano passado. O meu rosto, assim como o *scaloppine* de vitela que dividimos naquela noite, foi cortado. Foi a melhor foto dele que consegui encontrar.

Hoje só vou para a área comercial pendurar os cartazes na parte de dentro da vitrine dos restaurantes para que a chuva não os desmanche.

## 2

*Antes*

**N**uma noite fria de fevereiro, entrei em casa e encontrei Liam de meias e moletom na cozinha, a mesa coberta de caixas de comida para viagem que pareciam presentes embalados com muito cuidado. Cada uma continha uma sobremesa e um prato diferente de um restaurante francês que ele havia avaliado positivamente na semana anterior.

— Experimenta esse. — Liam me entregou uma taça. Tomei um gole e a devolvi. Ele pareceu surpreso. — Nem vem dizer que não gostou.

— É doce demais. Eca — digo, rejeitando quando ele tentou estender a taça para mim de novo.

— É um *tawny*. Quarenta anos.

— Tem gosto de torta de frutas rançosa.

Ele sorri e derrama o líquido da minha taça na dele.

— Mais para mim — diz. — Então descarto esse aqui da festa de lançamento do seu livro?

— Que fofo. — Sorrio.

— Eu?

— É, tratando essa festa como se fosse um casamento. Qual o próximo passo? A gente vai experimentar amostras dos bolos? — falei, cutucando as caixas na mesa.

— Não, mas tem um *pot de crème* que achei que você fosse querer pelo menos experimentar. O dono do Le Bouchon está se matando para ser escolhido para servir na festa, então pensei em me aproveitar disso.

— *Pots de crème* de graça. Como posso recusar uma coisa dessas? — Coloquei o vinho que ele estava bebendo no balcão, dei um abraço nele e o beijei. — Obrigada. Por me apoiar tanto. — Ele me beijou também. Esfreguei as mãos uma na outra e arregalei os olhos — Que sabor é esse?

— *Mocha*. — Ele abriu uma das caixas e pegou dois garfos. Eu estava tão feliz por ele ter abraçado o meu novo livro e se acostumado com a ideia de eu estar aparecendo em todo canto. Como as vendas do meu primeiro livro (*Recomeçar: a vida depois da violência doméstica*) foram boas, fui convidada para muitos programas de televisão até que consegui um quadro semanal de aconselhamentos num programa de rádio: *Você não está sozinha, com a Dra. Faith Finley*.

Não era fama exatamente, mas dá para dizer que eu era conhecida nas redondezas. Era um tanto interessante ser reconhecida por aí, receber convites para coquetéis metidos a besta e festas a caráter em que, vez ou outra, pediam que eu discursasse. Liam era quem estava acostumado a isso — o temido e respeitado crítico que todo chef tentava dar um jeito de impressionar quando o recebia nas suas mesas. Ele dava todo apoio ao meu sucesso, mas eu ficava com a sensação de que preferia as coisas como eram, quando era ele o convidado de honra dos jantares beneficentes, dos jogos dos Bears e de todas essas coisas sociais e empolgantes. Eu era a acadêmica discreta e ele, o amante da culinária charmoso, reverenciado pelas opiniões diretas e honestas que iam desde a autenticidade do mais novo food-truck de tacos até restaurantes dignos de prêmios como o James Beard.

Os meus colegas de profissão desaprovavam pelas minhas costas o meu novo papel quando passei a aparecer no rádio uns anos atrás. Era o McDonald's da terapia — uns minutinhos no ar e já estou pronta para dar um conselho capaz de mudar uma vida inteira? Era difícil dizer se me julgavam por uma questão moral ou... por inveja. Eu dividia o consultório com alguns colegas psicólogos e um psicanalista que encontrava só de vez em quando. Os cumprimentos e os sorrisos apressados que passei a receber de Alan e Thomas, em vez de aquela conversa fiada obrigatória mas sincera que costumávamos ter, deixaram bem claro o que pensavam da minha presença na imprensa. E eu ajudava pessoas, sim, não importava o que eles pensassem.

Liam e eu mantínhamos um apartamento na cidade para o qual dávamos uma escapulida de vez em quando e era onde eu ficava ocasionalmente quando estava escrevendo o meu livro — um glorioso prédio de arenito

construído no fim do século XIX com uma sacada que dava para a rua movimentada abaixo. Me lembro de uma mulher olhando para a minha caixa de correio e depois para mim numa tarde quando a abri e comecei a verificar a correspondência no hall onde estávamos. Quando joguei na lixeira de recicláveis um cupom que valia uma troca de óleo, ela me reconheceu.

— Você é a Dra. Faith Finley. — Ela abriu um sorriso de orelha a orelha e começou a divagar sobre como já tinha escrito quatro vezes para o Dr. Phil, mas ainda não havia conseguido entrar no programa, e se eu poderia ajudá-la.

— Não costumo dar conselhos no hall de entrada assim e tenho que... — comecei a dizer.

— Ah, é claro. Me desculpa. Você está de saída. Deve ser tão ocupada. O meu nome é Lettie. — Ela estendeu a mão para me cumprimentar. — É um prazer conhecer você. Não acredito que a gente mora no mesmo prédio!

— O prazer é todo meu, Lettie. O que você acha de ligar para o programa na sexta? Vou falar para o produtor selecionar você.

— Ai, meu Deus. Sério? Muito obrigada! Eu ligo com certeza! — Ela sorriu de satisfação.

Lettie ligou mesmo para o programa. Infelizmente, contou a história que escuto quase toda semana. Tudo começou com grosserias e pedidos de desculpas, mas o abuso verbal do marido acabou se transformando em raiva e abuso físico, e ela não entendia por que sempre voltava para ele.

Dei os mesmos conselhos que daria para qualquer pessoa na situação dela e indiquei o trecho no meu livro em que há um capítulo inteiro sobre montar um plano seguro para ir embora. A rádio até enviou um exemplar do livro para ela após a ligação. Duas semanas depois, ela ligou para informar que havia seguido os conselhos e que estava me elogiando e agradecendo ao vivo de um lugar seguro e longe do seu agressor. Então, essa era a prova de que eu não era uma vendida. Estava mudando mais vidas do que se estivesse no meu consultório particular. Talvez não fosse a mesma coisa, mas ainda assim contava.

Não foi só Lettie. Na mesma semana, uma mulher ligou para pedir conselhos sobre a filha adolescente que estava descontrolada e informou, meses depois, que o centro de reabilitação que eu havia indicado tinha operado um milagre e que sua filha estava sóbria e era praticamente outra pessoa. Me lembro de, depois da ligação, entrar em contato com o Centro

de Reabilitação Nova Esperança e coordenar os passos seguintes da jovem junto com a mãe. Não eram conselhos fast-food, e me ressentia quando diziam o contrário. Eu me mantinha na defensiva, mas me controlava para não perder a mão.

Na maior parte do tempo, eu recebia muita admiração de fãs, mas eram as pessoas do consultório — pessoas cujas opiniões eu julgava as mais importantes — que me tiravam do sério sempre que eu me deixava pensar nas coisas que elas, sem sombra de dúvida, falavam pelas minhas costas.

Liam sempre dizia: “Que se danem esses matusaléns invejosos. Se eles tivessem lido o seu livro saberiam que ser passivo-agressivo desse jeito faz mal. Você trate de deixar isso bem claro para eles.” Eu adorava quando ele tentava defender a minha honra, não importava quão absurdo e desnecessário fosse.

Eu faria qualquer coisa, qualquer coisa para que nunca tivéssemos dado aquela festa — para que aquela noite jamais tivesse acontecido. Qualquer coisa.

## 3

### *Atualmente*

**E**stou andando na chuva gelada há mais tempo do que pretendia. Já escureceu, e os cartazes acabaram, então entro num bar para tomar alguma coisa. Compramos a nossa casa aqui há alguns anos. Fica a apenas oitenta quilômetros de Chicago, mas parece uma cidade pequena, daquelas em que sempre se encontra algum conhecido. Quando atravesso as portas pesadas de madeira do bar, fico grata por ter saído do frio e com a esperança de não encontrar nenhum conhecido por ali.

A iluminação é suave e vermelha, e o carpete velho é cheio de marcas pretas de chiclete e contornos de manchas, resultado de anos de negligência. O calor e a luz fraca me confortam. Antes de tudo vou ao banheiro, mas, quando entro, sou atingida por uma luz forte e fluorescente, cheiro de alvejante e uma música da Shakira tocando alto demais estourando numa caixinha de som. O meu humor vai de temporariamente confortável para irritada na mesma hora, e, do nada, luto contra uma vontade absurda de cair no choro — uma vontade que tenho enfrentado muito nos últimos tempos —, mas aguento firme. Saio do banheiro e passo o olho pelo lugar. Quando não reconheço nenhum rosto, vou até o balcão.

Faz quase sete meses que o acidente aconteceu. Sei que deveria me sentir grata por estar aqui, de pé e andando outra vez. Mas não é fácil. A única coisa pela qual sou grata é estar conseguindo andar um pouco melhor, porque assim posso encabeçar as buscas pelo meu marido com mais eficiência.

Agora que posso andar por aí, espero que o pior tenha passado — as longas noites sem conseguir dormir, em confinamento total por causa das minhas costelas fraturadas e da perna quebrada, dependendo de uma cuidadora para quase tudo. Eu nem pude escolher quem seria. O plano de saúde simplesmente manda qualquer um, e fiquei com Barb, uma mulher grandalhona de uns vinte e poucos anos, que exalava cigarro coberto por desodorante de farmácia e que deixava um cheiro de plástico queimado em todo cômodo em que entrava para relaxar. Era basicamente isso que ela fazia, a não ser quando eu precisava ir ao banheiro ou comer alguma coisa.

Ela usava uma camiseta manchada do Garfield com uma piadinha sobre odiar segundas-feiras e jogava *Candy Crush* no celular enquanto devorava *brisket* defumado e *curly fries* do Arby's. No currículo, constava que “preparo de refeições” era uma das suas habilidades, mas ela olhava para os legumes que eu pedia que comprasse como se fossem coisas de outro mundo. Depois de me servir uma tábua de queijo azul coberta por umas folhas de alface, tive que ensiná-la a fazer algo tão básico quanto uma salada. Eu me sentia cansada de tanto que os meus ferimentos doíam, e a depressão sempre presente, que eu tentava combater, não deixava espaço para ter muita paciência com a situação. Certa vez a ouvi me chamar de piranha ao telefone, falando com uma amiga. Não liguei. Se acontecesse de novo, eu me importaria, mas já me perguntava se algum dia voltaria a me importar com alguma coisa.

Cedo de manhã, eu costumava tentar dormir no sofá. *Adult Swim*, comerciais de facas que cortavam até tijolo e Jimmy Swaggart diariamente usando um lenço para secar o suor com uma das mãos estendida aos céus me distraíam o suficiente para evitar que eu voltasse para o hospital com uma crise de pânico. Houve uma noite, uns meses atrás, em que quase chamei uma ambulância quando a ansiedade me invadiu e me deixou hiperventilando tanto que os meus pulmões ficaram dormentes e pensei que fosse infartar. Os meus pacientes relatavam isso o tempo todo, e eu saberia exatamente como agir se fosse em outra pessoa — como aconselhar e que tratamento oferecer —, mas o luto não permitia que eu agisse racionalmente.

Agora, pelo menos, consigo fazer algo além de chorar e oferecer uma recompensa na internet para quem tivesse qualquer informação sobre Liam. Depois do acidente, me trataram no hospital como se eu fosse uma bêbada desequilibrada que estivesse inventando histórias. Quando descobriram

quem eu era, o tom condescendente apaziguador se tornou outra coisa. Deduzi terem concluído que eu merecia um voto de confiança e que, por mais implausível que parecesse, não podiam ignorar o meu relato por completo. Mas foram eles que estiveram no local do acidente e garantiram que eu era a única no carro. Por outro lado, naquele momento, não estavam procurando outra pessoa, então tenho certeza de que devem ter conferido mal e porcamente. Depois de alguns dias, quando Liam Finley não apareceu no hospital para cuidar da esposa, nem no trabalho, nem na ACM para jogar basquete no sábado, foi que começaram a fazer interrogatórios de verdade, não só aquelas perguntas idiotas que deixavam subentendido que eu devia ser viciada em remédios e, por isso, poderiam desconsiderar tudo o que eu dissesse que havia acontecido naquele carro. Mesmo com a nova evidência, ainda não acreditavam em mim.

Odeio esse bar. Há uma mensagem acima da porta que diz “viva, ria, ame”, formada por luzes que piscam exaustas, cansadas de tentar elevar os ânimos. Placas cafonas com frases chulas decoram as paredes atrás do longo e velho balcão de carvalho do bar. Cada centímetro da madeira está arranhado e desgastado; as garrafas ficam em fileiras desordenadas cobertas de poeira. Os empoeirados ventiladores de teto, em vez de aliviar o cheiro de cigarro velho e urina, fazem-no circular.

Liam adorava como esse lugar era nostálgico. O fliperama de *Pac-Man* nos fundos, o jukebox com discos de vinil de verdade. Eu adorava porque ele adorava, e costumávamos passar as noites aqui, dançando na pista improvisada ao som de Neil Young nas noites de sábado e saboreando o cantinho secreto longe da cidade que havíamos descoberto. Agora, é só o lugar mais próximo em que consigo me embobedar.

Quero acreditar que as coisas impossíveis que os detetives estão contando são mentiras. *Liam sacou dinheiro antes do acidente; parece que ele planejou desaparecer.* É ultrajante, chega a ser engraçado. Tirando o fato de eu não ter encontrado o passaporte dele e de parecer não existirem motivos plausíveis para ele ter sacado uma quantia considerável de dinheiro sem ter me avisado. Gostaria de nunca ter aberto a porcaria da gaveta onde ficam os nossos passaportes. Eu estava procurando uma nota fiscal de algo idiota que nem importa. Nunca nem havia pensado em verificar se o passaporte dele estava lá e queria nunca ter descoberto que não estava. Queria nunca ter visto. O bartender serve outro copo para mim antes mesmo

que eu peça. Engulo em poucos goles e mando os pensamentos ruins para longe.

A garçonete, Pearl, sorri para mim e se senta num dos reservados com as suas raspadinhas da loteria. Peço um Old Fashioned e aceno com a cabeça para ela num cumprimento silencioso. Depois que o marido dela morreu, o dono do bar lhe deu um emprego, mesmo Pearl sendo atrapalhada, esquecida e quase sempre alvo de reclamações dos clientes. Por outro lado, os frequentadores do bar cuidam dela por causa da tragédia. As histórias sobre o infortúnio variam. A versão mais consistente diz que o marido trabalhava numa metalúrgica na cidade até que, certa noite, no turno da madrugada, dormiu e teve a manga da camisa puxada por uma prensa de três rolos. Dizem que ele foi prensado até todas as suas entranhas saírem, deixando só tiras de pele da finura de papel que obstruíram engrenagens e rodas dentadas.

Dizem que Pearl sempre preparava uma cesta de almoço cheia de coisas como bolos de batata-doce, figos cristalizados, macarrão pra caramba e pão amanteigado quentinho, que deixava arrumada antes de ir para a cama. Ela não presenciou o acidente, mas chegou à fábrica pouco depois de ter acontecido, a tempo de ver as tiras ensanguentadas que sobraram dele — a pele e as tripas saindo pelos lados da prensa. Há quem diga que ela enlouqueceu naquela noite.

Me ofereci para atendê-la uma vez, sem cobrar nada, caso ela quisesse conversar. Nunca obtive resposta. É verdade que ela nem sempre está lúcida, então basicamente tudo o que faz é fumar um cigarro atrás do outro e beber café fraco até chegar a hora de limpar tudo e fechar. Ela hoje parece menor que nunca, sumida na banqueta, engolida pelo suéter enorme que deveria combinar com os brincos. Na parte da frente há uma abóbora de Halloween sorrindo bordada em ponto-cruz. Era para os olhos e o nariz acenderem, mas a bateria acabou e o rosto morto da abóbora a faz parecer ainda mais sem vida que o normal.

Queria que ela desempenhasse o papel de mãe para mim. Queria perguntar como conseguiu superar uma perda tão devastadora, então ela poderia me reconfortar e dizer que fosse forte. O problema é que ela não conseguiu superar, e é isso que tanto me aterroriza. Pearl ri do nada, movimentando a mandíbula quadrada como um boneco de ventríloquo. E depois para e olha em volta, ofendida como se um fantasma tivesse lhe pedido que ficasse em silêncio.

Peço outra bebida. O meu celular vibra no balcão do bar. É Ellie de novo. Dá até para imaginar a conversa. Eu sei que ela está, nesse momento, em pé na cozinha preparando um pacote de Hamburger Helper, fritando bem a carne, com um bebê de fralda num dos braços e uma criancinha numa cadeirinha de balanço. Eu estaria ao balcão com uma taça de vinho, mordiscando um cookie de uma fornada recém-assada que, com certeza, já teria sido contaminada por dedinhos engordurados de criança. Uma típica noite de domingo. Acho que deve haver algum tipo de conforto em ter uma rotina. Atendo. Ela termina de gritar com o marido antes de dizer oi.

— Joey! Não é tão difícil assim. Se você quer fazer cocô no seu prato de vagem, por mim, tudo bem — grita ela. — Então vai. As fraldas estão na caminhonete. Esqueci de pegar. — Consigo ouvir Joey suspirar ou zombar da situação quando pega o bebê.

— Ell? — Talvez ela tenha esquecido que ligou.

— Faith. Oi. Foi mal. Como você está? — pergunta, mudando drasticamente o tom de voz depois do momento com Joe.

— Estou bem. — Viro a bebida em um gole e gesticulo pedindo outra. Conversamos por uns minutos sobre a frente fria, a ligação que ela fez para a Sprint mais cedo e sobre a fantasia de cupcake que encontrou na Pottery Barn para Hannah usar no Halloween. Eu me lembro de quando Ellie e eu éramos pequenas e ela se fantasiou de Bob Ross. Ela ostentou uma peruca épica *black power* e carregou um quadro com pintura de bichinhos por aí. Um cupcake? Acho que a maternidade muda mesmo as pessoas. Por fim, começa a me pressionar aos poucos dizendo que eu devia voltar para a cidade.

— Vamos despachar as crianças para a casa dos pais do Joe e fazer algo tipo um jantar dos adultos daqui a duas semanas. Será que você vai estar pela cidade... Quer vir? — pergunta, com cuidado. Joe é policial em Chicago e ela é uma dona de casa sobrecarregada, então eles quase nunca têm tempo sozinhos. Graças a Deus ela nunca pede que eu cuide das crianças, mas me sinto um pouco mal por perceber que ela sabe como isso seria um inferno para mim.

— Hum, talvez... — é tudo que tenho para oferecer no momento.

Às vezes me pergunto se Ellie não estava certa sobre eu voltar para a cidade. Foi ideia de Liam nos mudarmos para cá. Ele queria um cantinho idílico para nós. Ainda passávamos muitos dias da semana em Chicago, mas ele vivia cheio de planos para essa vida no interior que nunca havia

tido. Nós dois crescemos na cidade grande, e cada um foi para a faculdade de um lado do país. Viajamos, e houve meses, talvez anos, em que as nossas carreiras poderiam facilmente ter acabado com o nosso relacionamento caso não fôssemos tão comprometidos... e, é claro, apaixonados.

Ele achava que Sugar Grove era o lugar certo para nós. Uma casa que, em Chicago, não se poderia nem sonhar em ter pelo preço que pagamos — um deque com jacuzzi, meio hectare para futuros cachorros correrem e uma churrasqueira que ele próprio havia construído. Liam adorava aquela cidade. Tudo a respeito dela. Tinha até um aeroporto pequeno que, como já escrevia críticas de restaurantes do país inteiro, ele podia usar para viagens de última hora sem precisar dirigir até Chicago.

Eu dividi a agenda. Atendia três vezes por semana em Chicago e duas em Sugar Grove. Para falar a verdade, não era bem o que eu queria, mas com ele, é até difícil de explicar, era perfeito. Liam fazia tudo ficar perfeito. De fato, eu preferia o embalo das sirenes à noite, os baristas arrogantes com coque samurai, as cervejarias artesanais, a maneira como conseguia sintonizar numa rádio sem estática, mas agora... nem sei o que dizer a Ellie. Falo que vou pensar no assunto.

Na noite em que tudo aconteceu, saímos do restaurante na Logan Square. Estávamos a uns vinte quilômetros de casa quando batemos o carro. Numa rodovia de uma imensidão vazia. Talvez eu associe a possibilidade de encontrá-lo mais com a casa de Sugar Grove que com o apartamento que mal havíamos usado ano passado em Chicago. O que não faz sentido nenhum. Se alguém o sequestrou... ou se ele partiu por conta própria, como acham que foi, ele não estaria andando por aí em Sugar Grove, população de 8.997 habitantes. Eu sei disso. É um argumento lógico que Ellie já usou em mais de uma ocasião, mas tenho a sensação de que, se sair daqui, vou — de algum jeito — abandoná-lo. Eu *devia* fazer buscas em Chicago, mas foi aqui que o vi pela última vez... ou quase isso. Agora que consigo andar novamente, a ideia até me ocorreu, mas não quero pensar nisso no momento. Só quero a euforia líquida para entorpecer tudo entre as minhas têmporas e aquecer o meu peito. Fecho os olhos e deslizo o dedo pela borda do copo enquanto a ouço falar.

— Meu Deus do céu. O Joe está trocando a fralda do Ned na saída de incêndio para não deixar a cozinha fedida. É um verdadeiro milagre ninguém dessa família ter mor... — Escuto-a interromper a última palavra

no meio. Sei que não queria ter dito isso. Ela começa a se desculpar. — Ai, Faith... Quero dizer...

— Eu sei. Olha, tenho que ir, mas falo com você essa semana — digo. Ficamos em silêncio. Conhecendo Ellie, ela quer dizer alguma coisa para melhorar o clima antes de desligarmos, mas sabe que eu só quero terminar de uma vez.

— Tá bom, te amo — diz, com uma leveza forçada. Desligo.

Ninguém acha que Liam está morto. Mas é a forma como todo mundo evita o assunto e o jeito como a voz da pessoa muda quando fala comigo, como se eu fosse uma criança que precisa de palavras simples e cuidadosamente escolhidas, que me fazem preferir ficar sozinha.

Pago a conta e ando os quinze minutos até a minha casa. Depois de passar meses sem andar, agora é tudo o que quero fazer. Já tem feito um frio de quatro graus à noite e nunca coloco um casaco quente o bastante. “O que importa é o estilo”, eu diria a Liam, mas isso era quando eu pulava de algum táxi a poucos metros de um prédio quentinho no inverno. Passo por um laguinho artificial triste e fico com pena dos passarinhos que o sobrevoam, subitamente preocupada com a temperatura deles. Um pardal mergulha para além dos solidagos secos na beira da estrada que, mesmo depois da geada fora de época da noite passada, ainda revelam sinais de que estão crescendo. As veias frágeis se agarrando à vida sob os galhos secos e quebradiços.

Quando chego à esquina da minha rua, vejo um carro que não reconheço no acesso da garagem. O motor está desligado, e a pessoa lá dentro está sentada com um quadrado de luz azul que perfura a escuridão da noite que hoje chegou mais cedo. Fico paralisada por um instante, tentando imaginar quem pode ser. Então vou até lá devagar e bato à janela, assustando o homem.

— Deus do céu! — diz ele, sobressaltado.

Percebo que é Len Turlson, do escritório de Liam. Que raios ele quer aqui?

— Faith, oi. — Ele guarda o celular e abre a porta. Dos colegas de Liam, Len sempre foi o meu preferido. Um homem robusto, com um rosto cheio e corado, mas sempre inegavelmente elegante com seus suéteres de tricô irlandês e boinas de lã. Ele escrevia para a seção de “Arte e Cultura”, mas já nos encontramos em algumas viagens para o exterior quando ele e Liam tinham matérias que se conectavam. Me lembro dele sempre rindo e, uma

vez, exagerando no uísque num pub na Escócia e disputando uma queda de braço vergonhosa com Liam. Não faço a mínima ideia do que poderia trazê-lo a Sugar Grove. Por um segundo, penso que ele pode ter alguma notícia de que Liam está bem, mas o seu rosto teria comunicado isso imediatamente, então agora sinto uma onda de náusea e me pergunto o que mais traria alguém tão longe a não ser o tipo de notícia que tem que ser dada pessoalmente.

— Len. Hum... Oi.

— Desculpa aparecer assim do nada, mas será que a gente pode conversar um pouquinho? — pergunta.

— Claro. Ân-hã. — Guio o caminho até a porta. Dentro de casa, ele tira a boina e fica segurando-a, um gesto cavalheiresco. Convido-o a sentar. Ele se senta, mas na ponta do sofá, como alguém prestes a ir embora.

— Quer beber alguma coisa?

— Ah, seria bom. O que quer que você for beber — responde, sorrindo. Quando volto com dois copos de uísque, ele está com documentos que tirou de algum lugar. Do bolso do casaco? Parece que se materializaram e agora descansam no seu colo. Entrego o copo a ele.

— Então... Você deve ter um bom motivo para estar aqui. Por mais que bater um papo sobre o frio inesperado pareça ótimo, adoraria que a gente fosse direto ao ponto.

— A Bonnie não queria que eu viesse. Acho que eu também não tenho certeza se é a coisa certa a fazer. — O meu instinto foi perguntar como Bonnie, a esposa dele, estava. Ela havia sido acometida por uma doença no começo do ano e fazia tempo que não ouvia falar dela, mas, em vez disso, fiquei ali sentada, paralisada, esperando para ouvir o que ele poderia ter para dizer. Len esperou que eu respondesse, que lhe desse permissão, suponho, para me deixar devastada.

— O que foi?

— A gente limpou o escritório do Liam no *Tribune*.

— Como é que é? Eles... se livraram do escritório dele? — Era isso que ele queria me falar?

— O John achou que já estava na hora. Vão mandar as coisas dele. Não vão demorar muito para chegar, tenho certeza. — Ele toma um gole do uísque e olha para os papéis no colo, nervoso.

— Tá bom. — Espero. Tem mais.

— Faith, a gente pediu para a assistente vasculhar os e-mails dele para pegar informações importantes e encaminhar alguns contatos. Bom... De qualquer forma, a questão é: tinha um e-mail que... achei que você devia dar uma olhada. — Ele me entrega o papel. Uma impressão de algo que Liam tinha enviado para si mesmo, talvez como um lembrete para imprimir ou, talvez, para enviar para alguém? Para mim? Ou será que era um rascunho de uma carta de suicídio? Um trecho de uma carta que deveria explicar a sua mudança repentina para um lugar isolado? Para a América do Sul ou sei lá. Leio o texto. Não é endereçado a ninguém, ele começa do nada.

Queria que houvesse um jeito melhor de dizer isso. Um que não parecesse tão covarde, mas... eu preciso ir. Preciso de um tempo, talvez para sempre. Ainda não sei. Tem tanta coisa que eu queria poder explicar, que poderia dar um sentido a tudo isso, mas é complicado demais e, com toda a sinceridade, estou cansado de ser mal interpretado. Não quero explicar para todo mundo o que aconteceu, só quero ir. Para longe de tudo isso.

Percebo que as minhas mãos estão tremendo tanto que mal consigo terminar de ler tudo. Olho para Len enquanto contendo as lágrimas. Não consigo formular nada para dizer. Aquelas reticências na segunda linha para simbolizar uma pausa são a cara de Liam, mas se sentir mal interpretado? Não entendi. Ele “não queria explicar o que aconteceu”? Mas *o que* aconteceu?

— Faith. — Len tenta pegar as minhas mãos trêmulas, mas me levanto e me viro de costas. Não faço ideia de como me comportar nessa situação. — Ouvi dizer que havia uma série de... coisas, evidências, que levaram a polícia a decidir não investigar o caso como um desaparecimento.

O rosto dele está vermelho e parece abatido. Sei como deve ser difícil para Len estar aqui, me dizendo essas coisas, mas não vou facilitar. Vou para a cozinha e volto com a garrafa de uísque. Me sento novamente e sirvo mais dois copos em silêncio.

— Devo ir embora? — pergunta ele.

— Não — é tudo o que consigo dizer, enquanto enterro o rosto no copo. Associo Len a Liam, e a presença dele é, de certo modo, reconfortante.

— Olha só — continua ele, relutante —, eu achava a mesma coisa que você. Todo mundo achava. Que ele não ia simplesmente... sumir. Não sei o

que estou tentando dizer para você aqui além de que, no seu lugar... eu gostaria que alguém me falasse a verdade. Eu ia querer esse e-mail. Odeio pensar que os policiais estavam certos. *Se é que estavam.* Mas eles tinham motivos para não levar isso muito adiante, e isso deixou a sua cabeça... fodida. Eu sei. — Ele se senta para se conter, toma um gole do copo que acabei de completar. — Achei que ver isso talvez pudesse ajudar você a... sei lá... superar.

Ele fecha os olhos. Eu não digo nada.

— E, mesmo que não ajude, bom, caramba, Faith, como é que eu podia não te contar?

*Me ajudar a superar?* Ele é um escritor ou a merda de um terapeuta? Concordo dando um aceno de cabeça, cerro os lábios e pisco para segurar o choro. Ele está sendo tão sincero, tentando fazer a coisa certa, mas o odeio nesse momento. Sinto a minha pele quente e elétrica. Não quero ter uma crise na frente de Len Turlson.

— Obrigada, Len — digo com frieza. Me levanto. Quero, sim, que ele vá embora.

— Por Deus, Faith. Sinto muito.

Deixo o choro escapar em silêncio.

— Eu sei. — Seco as lágrimas rapidamente e tento fazer aquilo que nós do Centro-Oeste fazemos tão bem: desviar a atenção de nós mesmos. — Dá um abraço na Bonnie por mim, e obrigada por me avisar. — *Obrigada por me avisar?* É o tipo de coisa que se diz para alguém que achou um erro seu de gramática. A minha linguagem corporal faz Len se sentir tão desconfortável que ele decide ir embora sozinho depois de um abraço esquisito, mas simpático. Derramo o líquido do seu copo no meu e começo a chorar assim que o escuto tirar o carro do acesso da garagem.

*Liam escolheu partir.* Tenho a prova em mãos. Como ele pôde fazer isso?

## 4

### *Antes*

Faz pouco mais de oito anos que conheci Liam — num festival de chocolate, por incrível que pareça. Ellie havia me convencido a ir. Ela adorava essas tradições de outono e forçava todo mundo a participar, esperando sorrisos e diversão. Não importava se genuínos ou não. Estávamos criando memórias, cacete. Isso foi antes dos filhos. Colheita de maçãs, fazendas de abóbora — diversão em família forçada que envolvia apenas eu e ela na época. Hoje em dia, porém, as nossas provas de vinho viraram passeios de trator cheios de crianças com mãos grudentas carregando docinhos gelatinosos em formato de abóbora ou copinhos de Reese's com a embalagem especial da estação.

Ano passado, em vez de ficarmos alegrias de vinho quente, passei quase uma hora inteira tentando fazer Hannah parar de dar chilo por causa de doce. Parece que não leva a lugar nenhum tentar explicar para uma criança que, mesmo que Rudy Gutman tivesse roubado o seu Milk Dud de três centavos, ela ainda tinha nas mãos três quilos ou mais de doces mais valiosos. A questão econômica do negócio não fazia sentido para uma criança de 2 anos que só chorava, inconsolável, até ser distraída por Ellie, que encontrou, no fundo da bolsa, uma única bolinha de Milk Dud, igualmente sem valor nenhum e cheia de pelo, e lhe entregou dizendo “Olha só”. Tão simples, e mesmo assim essa ideia nunca me ocorreu.

Uma das primeiras coisas que me fez gostar de Liam foi o seu posicionamento a respeito de crianças. Eu tinha acabado de fazer 30 anos e estava começando a receber comentários sobre o “relógio biológico”

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Você não está sozinha"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).